DO BILÍNGÜÍSMO AO MONOLÍNGÜÍSMO

Caroline Fuão - PUCRS

Susiele Machry da Silva – PUCRS

Resumo: Em uma concepção geral, entende-se por bilingüismo a capacidade que uma pessoa possui de comunicar-se, de forma fluente, em mais de uma língua, o que poderá acontecer precocemente, desde o nascimento, ou mais tarde, variando de um indivíduo para outro, dependendo do grau de exposição ao sistema. Entretanto, conforme essa exposição, a condição de bilíngüe, poderá também, modificar-se na trajetória de vida do falante, podendo alternar entre a permanência de ambos os sistemas ou a perda de um deles. Com base nesta concepção, o trabalho em questão objetiva um estudo sobre a perda de um dos sistemas em indivíduos bilíngües, buscando apontar, a partir de fundamentos teóricos, bem como através de entrevistas com falantes bilíngües, que fatores, internos ou externos, podem condicionar para a perda ou para um menor domínio de um dos sistemas.

Palavras-chaves: bilingüismo, trajetória, monolingüismo.

1 Introdução

A aquisição da Linguagem é entendida como um fenômeno completamente natural, pois todas as crianças, consideradas normais, adquirem sem grandes dificuldades a língua de sua comunidade, isto é, conhecem as regras da gramática de sua língua. Aos cinco anos, aproximadamente, as crianças possuem um domínio quase completo de sua língua materna.

Esse processo é aceito como algo totalmente natural, embora seja uma etapa marcante nos primeiros anos de vida da criança. No entanto, existem pessoas que se tornam proficientes em mais de uma língua, isto é, adquirem duas línguas e se comunicam de forma hábil em ambas, conhecendo a gramática dos dois sistemas.

Essas crianças ou adultos são conhecidos como “bilíngües”, que é definido, num sentido geral, como o uso alternado de duas ou mais línguas por uma mesma pessoa. Nesta concepção, o bilingüismo é entendido como a habilidade que a criança ou adulto possui de se comunicar em duas línguas, considerando que uma poderá predominar em relação à outra.

No entanto, as situações de uso, o status do idioma, entre outros, são fatores que marcam a trajetória do bilíngüe, podendo levar ao favorecimento de um sistema sobre o outro, ou mesmo, a perda de um deles.

2 Desenvolvimento

2.1 Definição de Bilingüismo e indivíduo bilíngüe

De acordo com Cenoz (2003), o conceito de bilingüismo é complexo e pode envolver várias dimensões em sua definição, assim, falar em bilingüismo pressupõe múltiplas interpretações provindas dos mais variados quadrantes. Dentre eles, o autor restringe a definição de duas vertentes: (1) encarar o bilíngüe como um falante, com uma configuração única e específica, considerado como um todo e (2) perspectivar o bilíngüe tendo em conta o papel desempenhado pela aquisição/aprendizagem da sua segunda língua.

É perceptível com isso, que falar sobre bilingüismo pressupõe pensar em diferentes interpretações, em diferentes indivíduos. Com base em Confortin (1998), as definições variam, podendo ser apontadas três correntes:

1) Os que consideram bilíngüe apenas o falante que domine em igual nível e competência, dois sistemas. Nessa definição, se enquadram importantes autores como, Mattoso Câmara, que conceitua bilingüismo como a capacidade que uma pessoa possui de usar duas línguas diferentes como se ambas fossem sua língua materna, optando por uma ou outra de acordo com a situação; e, Bloomfield que diz haver bilingüismo quando um falante tem um controle nativo das duas línguas.

2) Os que consideram haver bilingüismo mesmo quando o falante não possui um mesmo domínio das duas línguas, ou seja, quando uma delas prevalece. Neste aspecto se enquadra Halliday, para o qual, há bilingüismo, quando o falante de uma língua materna utiliza uma segunda, embora o domínio da segunda não seja tão completo quanto à primeira.

3) Os que consideram como bilíngüe a pessoas que dominam duas línguas, não importando o grau de competência em cada uma. Os autores que se enquadram nesta concepção, defendem que o bilingüismo é a prática alternada do uso de duas línguas.

Dessa forma, verifica-se que há vários tipos de bilingüismo, não se referindo apenas ao indivíduo que adquire duas línguas desde o nascimento ou precocemente, mas em geral, compreende a capacidade da pessoa de comunicar-se, fluentemente, em mais de uma língua, o que poderá acontecer muito cedo ou, em outros casos, mais tarde, variando de um indivíduo para outro, dependendo, dentre outros fatores, do grau de exposição ao sistema.

Complementando, com base em Cenoz (2003), em uma sociedade que tende para o multiculturalismo, com o aumento da migração de povos e com a maior visibilidade das comunidades bilíngües, não há razão de se falar em monolingüismo, se considerarmos o bilingüismo, não só a situação de perfeito domínio de duas ou mais línguas, mas toda a situação que envolve o falar línguas, seja qual for à situação. O que existe, segundo o autor, são falantes que independentemente de dominarem, uma ou mais línguas, adotam registros diferentes segundo as situações.

Nesta concepção, a definição de indivíduo bilíngüe, de acordo com Grosjean (1982) seria:

> O indivíduo bilíngüe não é a soma de dois monolíngues, mas sim alguém que possui a configuração lingüística específica de um falante – ouvinte que utiliza suas línguas até onde têm condições conforme suas necessidades e as do ambiente. Seus idiomas são utilizados separadamente ou não, de acordo com diferentes propósitos, em distintos contextos de vida e segundo os interlocutores com quem se comunica. O domínio de cada um depende das situações de comunicação nos quais são empregados. (p. 259)

Ao que se refere à aquisição bilíngüe da linguagem, de acordo com Fletcher (1997), compreende-se esta, como o resultado de uma exposição muito precoce, simultânea, regular e contínua a mais de uma língua. Porém, o mesmo autor alerta que há uma importante distinção a ser feita, entre: *Aquisição Bilíngüe da Primeira língua* (ABPL) e *Aquisição Bilíngüe da Segunda Língua* (ABSL). A primeira - ABPL refere-se à aquisição de duas ou mais línguas desde o nascimento ou, no máximo, um mês após o nascimento. Já a segunda – ABSL acontece quando a primeira exposição regular a uma segunda língua, não começa antes de um mês, após o nascimento, e sim mais tarde, antes dos dois anos de idade.

2.1.1 Modelos de Bilingüismo

Para uma exemplificação dos modelos de bilingüismo, nos baseamos em Cenoz (2003), o qual coloca que os primeiros estudos realizados, sobre memória tentaram dar resposta à questão de saber se as representações de significado das palavras, nas diferentes línguas, se encontram separadas ou partilhadas. Por outro lado, os lingüistas preocuparam-se em analisar o modo como às palavras são codificadas e os princípios gerais que se aplicam, tantos nos processamentos lingüísticos de monolíngues e, também, dos bilíngües.

Assim, de acordo com o autor, existem, na atualidade, dois modelos lingüísticos:

a) A representação da palavra é diferente do conceito - para uma mesma representação conceitual existem duas representações lexicais específicas de cada língua, como um único sistema lingüístico. Corresponde, dessa forma, a uma noção de representação conceitual única, o que gera discussões, pelo fato que a compreensão das palavras em uma língua é sempre mediada pela outra, pelo pressuposto de existir a dominância de uma língua sobre a outra.

b) Os armazenamentos lexicais contêm tanto a forma como o significado das palavras. Dois sistemas lingüísticos distintos, de tal modo que a representação mental ativada por uma palavra é diferente da ativada pelo equivalente de tradução dessa palavra. Assim, de acordo com essa concepção, nos bilíngües existirá uma delimitação perfeita entre os conceitos em cada língua.

No entendimento deste modelo, o bilíngüe possui dois armazenamentos na memória, uma para cada língua e uma representação conceitual comum mais geral. No entanto, e contrariamente ao primeiro modelo, nos dois armazenamentos lexicais estão contidos não só a forma (fonologia e propriedades sintáticas), mas também os significados das palavras. Esse tipo de armazenamento corresponde à experiência e informação de conceitos do bilíngüe, bem como representações mentais das coisas e acontecimentos.

Dessa forma, cada item lexical determina que traços conceituais são ativados no uso da palavra e ativa um conjunto de conceitos para obter uma representação mental daquilo a que se refere. No entanto, a representação mental ativada pelo item lexical, será diferente da do seu equivalente de tradução, na medida em que são distintas características lexicais e semânticas das palavras.

2.2.2 Tipos de bilingüismo

O bilíngüe, de acordo com os tipos de bilingüismo, pode, com base em Hamers e Blanc apud Moura (1997), ser classificado por diferentes dimensões. Citamos aqui as julgadas mais relevantes para o trabalho: a competência desenvolvida em cada sistema; a idade de aquisição dos sistemas, ou, ainda, conforme o status gozado pelos sistemas lingüístico.

1) Quanto à competência – o indivíduo poderá ser:

a) Equilibrado: possuindo um mesmo grau de competência nas duas línguas, mesmo que as empregue com diferentes interlocutores ou com diferentes funções;

b) Desequilibrado – quando um dos sistemas for mais dominante ou mais desenvolvido que o outro.

2) Conforme a idade de aquisição dos sistemas – temos: bilíngüe precoce, adolescente, ou ainda, adulto.

O bilíngüe precoce é aquele que adquire seus dois sistemas antes dos dez anos, podendo ser de dois tipos:

a) bilíngüe precoce simultâneo - quando as duas línguas são adquiridas antes dos 3 anos, por exposição a língua desde o nascimento, ou exposto a uma delas em pouco tempo depois da primeira;

b) bilíngüe precoce sucessivo - é o caso do individuo que adquire outro código durante a infância, porém o faz após ter ocorrido à aquisição básica de sua primeira língua, podendo ser advinda de situações informais; por exemplo, quando a criança passa a morar em outra comunidade lingüística ou ainda, por um aprendizado formal e intencional em escolas e programas de educação bilíngüe.

Por adolescente bilíngüe compreende-se o falante que adquire seu segundo sistema lingüístico entre os onze e os dezessete anos aproximadamente. Já o adulto bilíngüe, por sua vez, é o individuo possuidor de mais de uma língua, tendo aprendido uma delas após os 17 anos.

3) Quanto ao status gozado pelos sistemas lingüísticos - este poderá ser aditivo ou subtrativo. Será aditivo quando seus idiomas forem valorizados igualmente no ambiente em que ele vive, isto é, possuindo um mesmo status. Será subtrativo quando uma das línguas for valorizada em detrimento da outra.

Complementando, podemos citar ainda, em conformidade com Confortin (1998) apud Van Passel (1975), o bilíngüe coordenado e o bilíngüe composto. No caso do bilíngüe coordenado, as duas línguas operam como sistemas independentes. Há assim, dois sistemas que coexistem separados um do outro, sendo que o falante entende e sabe tudo o que pretende em qualquer uma das línguas.

No bilíngüe composto, esses autores defendem que existe, para um determinado objeto, uma palavra diferente em cada língua. O falante, neste caso, primeiro formula seu pensamento em uma língua, geralmente na língua materna, passando por meio de um processo de tradução para a outra língua.

2.2 Fatores relacionados ao bilingüismo

2.2.1 Fatores externos

Os fatores externos, que podem muitas vezes, serem fundamentais para o desenvolvimento e permanência dos sistemas no bilíngüe, são determinados pelas áreas de contato e pelo tempo de duração, ou melhor, de exposição em cada uma delas.

Estas áreas podem ser relacionadas de acordo com os meios pelos quais as línguas foram adquiridas ou, em que são utilizadas:

a) casa – de acordo com o modelo familiar, ali o individuo poderá compreender ou falar uma ou mais línguas.

b) comunidade - desempenha um papel de suma relevância. O meio social, onde o sujeito se encontra inserido, pode ter uma influência determinante em sua fala.

c) grupo étnico – o fato de o falante pertencer, ou prezar, uma determinada raça ou nacionalidade pode contribuir para ele desejar manter ou não o idioma.

d) grupo ocupacional – dependendo da profissão, poderá ser exigido o uso de um idioma e, este, poderá ser diferente daquele que a pessoa normalmente emprega.

e) grupo de lazer – um idioma pode ser a forma de contato que o individuo tem com seu grupo de amigos, ocorrendo situações em que, para se adequar ao código do grupo, ele usa a língua por eles falada.

f) escola - constitui um meio de relativa importância tanto na aprendizagem ou manutenção de uma dada língua.

2.2.2 Fatores internos

Com base em Ellis (1994), entende-se por fatores internos os processos que o indivíduo bilíngüe realiza com suas línguas internamente, sem função comunicativa, como:

a) atitude – refere-se à atitude demonstrada em relação às suas línguas e aos falantes da mesma, podendo, de acordo com a forma, como as conceber, exercer um maior ou menor impacto no seu comportamento nas diferentes áreas de contato.

b) motivação – constitui um fator fundamental na aquisição ou na manutenção do bilingüismo, ressaltando que a necessidade de desempenhar-se em mais de um idioma obedece a diferentes razões, isto é, há inúmeros motivos que fazem uma pessoa tornar-se bilíngüe, podendo ser: uma decisão pessoal ou por pertencer a uma família na qual se falam duas línguas regularmente, por exemplo.

c) idade e inteligência – possuem influência na medida em que podem ser determinantes de algum tipo de desenvolvimento lingüístico diferenciado.

2.3 Outras considerações sobre bilingüismo.

2.3.1 Alternância de códigos

De acordo com Fletcher (1997) a alternância de códigos é entendida como o uso alternativo de duas ou mais línguas em uma mesma situação de conversação. No entanto, o autor ressalta que a alternância não é o mesmo que mistura de códigos.

A alternância então, ocorre quando o indivíduo, possuidor de um ou mais sistemas lingüísticos, dependendo da situação de uso, emprega um ou outro, trata-se, portanto, da escolha de um determinado código para uma situação específica.

O bilingüismo infantil é especialmente o primeiro tipo de alternância de código. O uso de enunciados mistos por crianças pode ser modelado por enunciados fornecidos no input, assim, as estratégias de discurso dos pais podem estimular ou desestimular determinadas escolhas na seleção do código.

Com relação aos adultos, o que se mostra é que o contexto sociolingüístico é de suma importância para se encontrarem explicações para a alternância, ou, o uso de uma ou outra forma, pois a alternância, neste caso, acontece muitas vezes em função do interlocutor, da situação ou do objetivo do falante.

2.3.2 Idade crítica

Muitas pesquisas apontam que parece existir uma idade crítica, a partir da qual o aprendizado de uma segunda língua se torna mais difícil, este período, parece situar-se entre os 12 e os 14 anos, ou seja, a partir da puberdade. Considerando que isto pode variar de uma pessoa para outra, dependendo de outros fatores tanto internos, quanto externos.

Lenneberg apud Mussalin (2001), defende que:

> Entre dois e três anos de idade, a linguagem emerge através da interação entre maturação e aprendizado pré-programado. Entre os três anos de idade e adolescência, a possibilidade de aquisição primária da linguagem continua a ser boa; o indivíduo parece ser mais sensível a estímulos durante este período e preservar uma certa flexibilidade inata para a organização de funções cerebrais para levar a cabo a complexa integração de subprocessos necessários à adequada elaboração da fala e da linguagem. Depois da puberdade, a capacidade de auto - organização e ajuste às demandas psicológicas do comportamento verbal declinam rapidamente. O cérebro comporta-se como se tivesse se fixado daquela maneira e as habilidades primárias e básicas não adquiridas até então geralmente permanecem deficientes até o fim da vida. (p. 220 -221)

Por outro lado, há a hipótese inatista, defendida por Chomsky, com base na hipótese de um determinado dispositivo inato para a aquisição da linguagem, como um processo totalmente natural. Ficaria assim, a pergunta se esse dispositivo permaneceria, de alguma forma, também na fase adulta.

Ainda não se tem uma resposta definitiva para essa questão, pois antes de tudo, é necessário pensar que, como já apontado, as situações variam, portanto, os casos são diferentes de uma pessoa para outra.

Para Schutz (2005), a hipótese da existência de um período crítico está relacionada a determinados fatores, dentre eles:

a) Biológico – corresponde ao funcionamento dos órgãos que estão envolvidos na habilidade lingüística, como: cérebro, aparelho auditivo e articulatório.

Dentro deste fator é destacada a hipótese de lateralização do cérebro, onde estudos neurológicos apontam que os dois hemisférios cerebrais desempenham funções diferentes. Assim, o lado esquerdo, é considerado o lado lógico e analítico, enquanto o direito é o lado criativo e artístico, responsável pelas emoções e a percepção, sendo então, estes hemisférios a porta de entrada das experiências e a área de processamento dessas experiências para transformá-las em conhecimento.

A lateralização do cérebro ocorre, a partir da puberdade, portando, no cérebro de uma criança, os dois hemisférios estão mais interligados do que no cérebro adulto, dessa forma a assimilação da língua ocorreria via o hemisfério direito para ser sedimentada no esquerdo como habilidade permanente.

A explicação para a questão biológica do período crítico, residiria, então, no fato de que nas crianças há uma maior interação entre os dois hemisférios.

Ainda dentro dos fatores biológicos, o mesmo autor, aponta a hipótese de Harpaz, onde é defendida a idéia de que a aquisição da fala e a descoberta do mundo são processos paralelos para a criança. A interação lingüística da criança vai proporcionando um desenvolvimento neuronal, ainda não fixo no que se difere do adulto que quando aprende uma língua já possui os conceitos formados, ou em outras palavras, estruturas já fixadas.

Com certeza, faltaria ainda um segundo fator, ligado ao psicológico e afetivo. Diferente da criança que adquire sua língua de forma natural, sem mesmo precisar de uma motivação especial para isto, o adulto ao entrar em contato com outro sistema lingüístico, poderá ter problemas, como:

a) desmotivação - quando, por exemplo, aprende uma língua por obrigação, sem uma identificação com a cultura, sem prazer;

b) perfeccionismo – onde pode ocorrer uma preocupação em excesso pela forma e pela radicalização do certo;

c) falta de autoconfiança - a pessoa pode possuir determinados “traumas”, com um medo de errar, sem uma confiança em sua capacidade;

d) ansiedade, causada pela ânsia de possuir resultados imediatos.

A relação destes fatores pode esclarecer que a aquisição ou aprendizado de línguas por adultos é, em certos aspectos, diferentes da criança. No entanto, isso não quer dizer que o adulto não possa se tornar proficiente em um determinado idioma.

3 Metodologia

De acordo com a revisão da literatura, é possível perceber que a condição do bilíngüe pode seguir contornos diferentes em relação ao domínio e variação do uso de um ou outro sistema. Objetivando conhecer a trajetória por falantes bilíngües adultos, foi realizada entrevista, em forma de gravação, com dois falantes bilíngües, de alemão e português que, quando crianças, tiveram contato com mais de um sistema lingüístico.

A entrevista consistiu perguntas pessoais, relacionadas com os fatores apontados na revisão bibliográfica.

4- Resultados

É apresentado aqui uma breve síntese das entrevistas, fazendo relação com os aspectos mencionados na revisão bibliográfica.

Entrevista 1 – Falante Bilíngüe de Alemão e Português

Nesse caso, o idioma adquirido primeiro foi o alemão, em um ambiente familiar, pois seus pais, avós e tios falavam primordialmente o alemão. Por uma necessidade social, o idioma português foi adquirido posteriormente na escola, no entanto, o alemão continuou sendo usado, inclusive algumas matérias da escola como, matemática e história eram dadas em alemão.

No decorrer de sua vida os dois idiomas continuaram sendo usados tanto em seu ambiente familiar como no trabalho, com isso seus filhos também adquiriram o idioma alemão em casa e o português na escola.

Em relação ao fato de confundir as duas línguas no discurso, isso não ocorre com muita freqüência, até porque o idioma que prevalece hoje é o português, mas tem situações em que o informante está falando em português e pensa em alguma palavra em alemão (parece que falta léxico). Podemos observar que neste caso de não recordar palavras na língua que se está falando é o fato de o léxico em ambas as línguas não ser “completo” e uniforme, pois de acordo com o input e a freqüência que se usa uma das línguas, o léxico aumenta em uma e diminui em outra.

Outro aspecto interessante, mencionado pelo entrevistado, é a vantagem de já saber o alemão para na hora de estudar o português sentir mais facilidade, se tivesse sido ao contrário ela pensa que teria muita dificuldade em aprender o alemão tanto em casa como na escola.

De acordo com isto ressaltamos o fato de que o léxico em ambas as línguas não foi tão limitado, pois estas continuaram a ser usadas tanto em casa como na escola. O alemão era mais falado do que o português, então prevalecia esta língua sobre a outra. Na vida adulta ocorreu ao contrário, o português foi sendo mais usado e acabou se sobrepondo ao alemão, mas o raciocínio lógico – matemático continuou sendo ativado em alemão. Já na questão do input, este aspecto teve uma exposição regular em ambas as línguas, pois o estímulo ocorria em casa e na escola.

Entrevista 2 – falante bilíngüe Alemão e Português

Na primeira entrevista, percebemos que o informante continuou em contato com a língua alemã na escola, o que não ocorreu com nosso segundo informante, pois quando ingressou na escola, devido à segunda Guerra Mundial, foi proibido o ensino da língua alemã e os professores eram obrigados a falar português. Com isso, o informante diminuiu o contato com sua língua materna, sendo falada somente em seu ambiente familiar.

Podemos observar que a freqüência do input em relação ao idioma alemão diminuiu, mas aumentou no idioma português. Neste caso surge também, posteriormente, um outro idioma, o inglês, muito usado no seu ambiente profissional, o que colaborou para que de certa forma a língua alemã fosse deixada de lado, prevalecendo o português e o inglês. Assim, houve um aumento significativo do inglês pela convivência do informante com ingleses, pelo fato de viagens seguidas aos Estados Unidos e Europa, onde a necessidade faz com que o falante, neste caso amplie seu vocabulário.

Outro aspecto interessante a ser observado nesta entrevista, foi o relato de que apesar de perder o contato com a língua alemã em sua vida adulta, várias pessoas notam que em sua pronuncia na língua brasileira há um sotaque da língua alemã. Talvez o acento alemão tenha de certa forma, prevalecido, por ter sido a primeira língua a ser adquirida no ambiente familiar.

5- Conclusão

Com o presente trabalho, percebe-se através das diferentes dimensões teóricas que o bilingüismo é um estudo bastante amplo, não é algo acabado, mas sim que tende a se expandir cada vez mais, com o aumento das migrações e do contato cada vez maior entre os povos.

É também possível, chegar a uma definição de que ser bilíngüe não é apenas saber se comunicar em mais de um sistema, mas também viver mais que uma cultura. Pois, cada contexto ou situação de bilingüismo é fruto de fatores socioculturais, lingüísticos e psicológicos que devem ser explicitados e levados em conta.

Com isso, chegamos à percepção de que o bilingüismo envolve todo um processo, que está relacionado com fatores internos e externos, onde o input, desde a língua da família, quanto os demais contatos sociais, exerce um papel fundamental para a permanência dos sistemas.

O que os resultados justificam, de certa forma, é a importância que esses fatores exercem. Observou-se, entre outros aspectos, principalmente, que a prevalência de um dos sistemas em relação ao outro está intimamente relacionada ao uso social e status do idioma.

6 - Referências bibliográficas

CENOZ, Josene; GENESEE, Fred. **Trends in Bilingual Acquisition.** Amsterdam / Philadelphia, 2003.

CONFORTIN, Helena. **A fauna lingüística.** Porto Alegre: Ed. Est. URI , 1998.

ELLIS, Rod. **The Study of Second Language Acquisition.** Oxford University Press – Madrid, 1994.

FLETCHER, Paul. MACWHINNEY, Brian. **Compêndio da Linguagem da Criança**. Artes Médicas: Porto Alegre, 1997.

FROMKIN, Victoria; RODMAN, Robert; HYAMS, Nina. **An Introduction to Language.** Ed. Thompson Wadsworth. 8ª ed. 2007.

GROSJEAN, F. (1982) – **Life with two languages: An Introduction to bilingualism**.

Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1982.

MOURA, Isabella Mozilho de. **Traição Lingüística e Lealdade Cultural: A alternância de código no discurso bilíngüe**. Pelotas, 1997.

MUSSALIM, Fernanda. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. Volume 2. São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, Ana Maria Roza. **Acesso ao léxico e alternância de línguas em bilíngües**. www.esel.ipleiria.pt/files/f417.1 Acesso em 21/06/2007.

SHULTZ, Ricardo. A idade e o Aprendizado de Línguas. Www.sk.com.br/sk – apr 2. html. acesso em 08/07/2007.